

Marte

“Em quanto as empresas de turismo organizam na Terra os grandes cruzeiros intercontinentais, realizando um dos mais belos esforços de socialização do século XX, no mundo dos Espíritos, organizam-se caravanas de fraternidade nos planos do intermundo.

Na região do estomago, o privilégio pertence aos sujeitos felizes, bem fichados nos círculos bancários, mas, nos planos do coração, os livros de cheque são desnecessários.

Novo Gulliver da vida, mergulho a minha observação nos espetáculos assombrosos, experimentando, além das águas do Acheronte⁽¹⁾, a mudança integral de todas as perspectivas.

(1) — **Aqueronte** — Nome de um dos quatro rios do Inferno, por onde as almas passavam sem esperança de regressar, e de curso tão impetuoso que arrasta, qual si fossem grãos de areia, grandes blocos de rochedos.

Encarcerado no ponto convencional de sua existência transitória, o homem terrestre é aquela coruja incapaz de enfrentar a luz da montanha, em pleno dia, suportando apenas a sombra espessa e triste de sua noite. Como Ajax, filho de Oileu⁽²⁾, contempla, às vezes, o tridente irado dos deuses, mas, embora a sua desesperação e o seu orgulho, não vai além da ilha, onde a maré alta o atirou, nos caprichosos movimentos do oceano da Vida.

A morte não é uma fonte miraculosa de virtude e de sabedoria. E', porém, uma asa luminosa de liberdade para os que pagaram os mais pesados tributos de dôr e de esperança, nas esteiras do Tempo.

Enquanto os astronomas europeus e americanos examinam, cuidadosamente, os seus telescópios, para a contemplação da paisagem de Marte, á distancia de quasi trinta e sete milhões de milhas, preparando as lentes poderosas de seus instrumentos de optica, fomos nós felicitados com uma passagem gratuita ao nosso admiravel vizinho do sistema solar, cuja passagem, nas adjas-

(2) — AJAX, filho de Oileu rei dos Lócrios (Grécia) era um príncipe intrépido, mas brutal e cruel.

Equipou quarenta navios para a guerra de Troia. Toma-
da esta, ele ultrajou uma profetisa de classe, que se refugiára
no templo, motivo por que os deuses fizeram submergir sua
esquadra.

Salvo do naufrágio, agarrou-se a um rochedo, dizendo,
com arrogância: Escapei, apesar da cólera dos deuses!

Irritados com o despejado orgulho, os deuses o aniquila-
ram, ali mesmo.

cencias do orbe, vem empolgando igualmente os núcleos de sérres invisíveis, localizados nas regiões mais proximas da Terra.

A descrição das viagens, desde o princípio deste século, é uma das modalidades mais interessantes da literatura mundial; todavia, o homem que vá do Rio de Janeiro a Tokio, de avião, sem escalas de qualquer natureza, não pôde descrever o caminho, com os seus detalhes mais interessantes. Transmitirá aos seus leitores a emoção da imensidade, mas não conseguirá pintar uma nuvem. Fóra de suas máquinas aéreas, poderia fornecer a impressão de uma aguia, mas o turista do Espaço, para se fazer entendido pelos companheiros da carne, teria de recorrer ás figuras mais atrevidas do mundo mitológico.

E' por isso que apelarei aqui para o véu de Isis ou para o dorso de Pégaso, cuja patada fez brotar a fonte de Hipocrene, no Helicon das divindades⁽¹⁾.

Depois de alguns segundos, chegavamos ao termo nossa viagem vertiginosa.

(1) ISIS, uma das principais divindades egípcias. Tendo reinado durante muito tempo, foi, depois de morta, elevada á categoria de deusa (a canonização dos tempos subsequentes), e em sua honra e culto celebravam-se ritos, chamados — Mistérios de Isis.

Na forma comum, é representada (à imagem das santas) sob a figura de uma joven mulher, sentada, amamentando um dos filhos, Horus, tendo sobre a testa duas pontas ou um globo lunar.

PÉGASO — Cavalo alado que tem destacados feitos na mitologia grega. Nêle iam os poetas em visita ao monte da

Dentro da atmosfera martiana, experimentamos uma extraordinaria sensação de leveza... Ao longe, divisei cidades fantasticas pela sua beleza inédita, cujos edificios, de algum modo, me recordavam a Torre Eiffel ou os mais ousados arranha-céus de Nova York. Maquinas possantes, como se fossem movidas por novos elementos do nosso "Helium" balouçavam-se, ao pé das nuvens, apresentando um vasto sentido de estabilidade e de harmonia, entre as fôrças aéreas.

Aos meus olhos, desenhavam-se panoramas que o meu Espírito imaginara apenas para os mundos ideais da mitologia grega, com os seus paraísos cariciosos.

Aturdido, interpelei o chefe da nossa caravana, que se conservava silencioso:

— "Se a Terra julga a influênciia de Marte como profundamente belicosa, como poderemos conciliar a definição dos astrólogos com os espetáculos reais?".

— "E, porventura — respondeu-me o excelente mentor espiritual — chegaste a conhecer no planeta terrestre um homem ou uma idéa, retirando a humanidade de sua rotina, sem sofrimento e sem guerra? Para o nosso mundo, Marte é um irmão mais velho e mais experimentado na

inspiração. Ainda hoje, em trôpo literario se diz que, em busca de inspiração, os poetas cavalgam o Pégaso. Nesse monte, chamado Helicon, Pégaso, com uma patada, fez surgir a fonte da agua inspiradora, denominada Hipocrene, isto é — fonte do cavalo.

vida. Sua atuação no campo magnético de nossas energias cósmicas verifica-se de modo que os homens terrenos possam despir os seus envoltórios de separatividade e de egoismo.

Mas, nesse instante, havíamos chegado a um belo cômoros atapetado de verdura florida.

Ante os meus olhos atônitos, rasgavam-se avenidas extensas e amplas, onde as construções eram fundamentalmente análogas ás da Terra.

Tive então ensejo de contemplar os habitantes do nosso vizinho, cuja organização física difere um tanto do arcabouço típico, com que realizamos as nossas experiências terrestres. Notei, igualmente, que os homens de Marte não apresentam as expressões psicológicas de inquietação, em que se mergulham os nossos irmãos das grandes metrópoles terrenas. Uma aura de profunda tranquilidade os envolve.

E' que, esclareceu o mentor que nos acompanhava, os martianos já solucionaram os problemas do sólo e já passaram pelas experimentações da vida animal, em suas fases mais grosseiras. Não conhecem os fenômenos da guerra e qualquer flagelo social seria, entre êles, um acontecimento inacreditavel. Evoluíram sem as expiações coletivas, amarguradas e terríveis, com que são atormentados os povos insubmissos da Terra. As pátrias, aí, não recebem o tributo do sangue ou da morte de seus filhos, mas são departamentos econômicos e orgãos educativos, administra-

dos por instituições justas e sábias.

Era tempo, contudo, de observarmos a cida-
de com as suas disposições interessantes.

O leitor não poderá dispensar o nome dessa
cidade prodigiosa e à falta de termos, comparati-
vos, chamemo-la Marciópolis.

Orientados pelo amigo que nos dirigia a sin-
gular excursão, atingimos extensa praça, onde se
erguia um templo maravilhoso pela sua imponên-
cia, tocada de majestosa simplicidade, e onde, ao
que fomos informados, se haviam reunido todos
os crédos religiosos.

De uma de suas eminencias, vimos o nosso
sol, bastante diferenciado, entornando na paisa-
gem as tintas do crepúsculo.

A vegetação de Marte, educada em parques
gigantescos, sofria grandes modificações, em com-
paração com a da Terra. E' de um colorido mais
interessante e mais belo, apresentando uma expres-
são avermelhada em suas características gerais.

Na atmosfera, ao longe, vagavam nuvens
imensas, levemente azuladas, que nos reclamaram
a atenção, explicando-nos o mentor da caravana
fraterna que se tratava de espessas aglomerações
de vapor d'água, criadas por máquinas poderosas
da ciência martiana, afim de que sejam supridas
as deficiências do líquido nas regiões mais pobres
e mais afastadas do largo sistema de canais, que

ali coloca os grandes oceanos polares em contínua
comunicação, uns com os outros.

Tais providências, explica o espírito supe-
rior e benevolente, destinam-se a proteger a vida
dos reinos mais fracos da natureza planetária,
porque, em Marte, o problema da alimentação es-
sencial, através das fôrças atmosféricas, já foi
resolvido, sendo dispensável aos seus habitantes
felizes a ingestão das visceras cadavéricas dos
seus irmãos inferiores, como acontece na Terra,
superlotada de frigoríficos e de matadouros.

Todavia, ao apagar das luzes diuturnas, o
grande templo de Marciópolis enchia-se de povo.
Observei que a nossa presença espiritual não era
percebida, mas podíamos examinar a multidão, á
vontade, em seus mínimos movimentos.

Todos os grandes centros deste planeta, es-
clareceu o nosso amigo e mentor espiritual, sen-
tem-se incomodados pelas influências nocivas da
Terra, o único orbe de aura infeliz, nas suas visi-
nhanças mais próximas, e, desde muitos anos, en-
viaram mensagens ao globo terraqueo, através das
ondas luminosas, as quais se confundem com os
raios cósmicos, cuja presença, no mundo, é regis-
trada pela generalidade dos aparelhos radio-
fônicos.

Ainda há pouco tempo, o Instituto de Técno-
logia da Califórnia inaugurou um vasto período
de experimentações, para averiguar a procedê-
ncia dessas mensagens, misteriosas para o homem

da Terra, anotadas com mais violência pelos bâloes estratosféricos, conforme as demonstrações obtidas pelo dr. Robert Millikan, nas suas experiências científicas.

A palestra esclarecedora seguia o seu curso interessante, mas os movimentos na praça acen-tuavam-se, sobremaneira.

No horizonte, surgia uma grande estrela de luz avermelhada, enquanto os dois satélites mar-tianos resplandeciam.

Todos os olhares fitavam o céo, anciosamente.

Aquela estrela era a Terra.

Uma comissão de cientistas iniciou, da tri-buna maior do santuário, uma vasta série de es-tudos sóbre o nosso mundo distante. Aparelhos luminosos foram afixados, na praça pública, ao passo que presenciavamos a exibição de mapas quasi irrepreensíveis dos nossos continentes e dos nossos mares. Teorias notáveis com respeito á situação espiritual do planeta terrestre foram ex-pendidas, entendendo perfeitamente as idéias dos estudiosos que as expunham, através da linguagem universal do pensamento.

A Terra envia-nos a sua claridade, em re-flexos tremulos e tristes, observando, então, que os martianos haviam povoado o seu templo de te-lescópios poderosos.

Enquanto os melhores aparelhos da America possuem um diametro de duzentas polegadas, com a possibilidade de aumentar a imagem de Marte

doze mil vezes, a astronomia martiana pôde con-templar e estudar a Terra, aumentando-lhe a imagem mais de cem mil vezes, chegando ao ex-tremo de examinar as vibrações de ordem psiqui-ca, na sua atmosfera.

A nossa grande surpresa não parou aí, entre os mais avançados aspectos de evolução e de cultura.

Em quanto a luz avermelhada da Terra toca-va a nossa visão espiritual, viamos que todas as multidões do templo se haviam aquietado, de leve... A ciência unida á fé apresentava um dos espetáculos mais belos para o nosso espírito.

Vimos, então, que ao influxo poderoso das quelas mentes irmanadas no mesmo nível evoluti-vo, pela sabedoria e pelo sentimento, formára-se sóbre o santuário uma estrada luminosa, em cujos reflexos descera do Alto um mensageiro celeste.

Recebido com as intensas vibrações de uni-júbilo divino e silencioso, a figura, quasi angéli-ca, começou a falar, depois de uma prece co-movedora:

— “Irmãos, ainda é inutil toda a tentativa de comunicação com a Terra rebelde e incompre-ensível! Debalde os astronomas terrenos vos pro-curam anciosos, nos abismos do Infinito!... Seus telescopios estão frios, suas máquinas, geladas.

Faltam-lhes os ardores divinos da intuição sublime e pura, com as vibrações da fé que os levavam da ciência transitoria á sabedoria imortal. Fatigados na impenitência que lhes caracteriza as atividades inquietas e angustiosas, os homens terrestres precisam de iluminação pelo amor, afim de que se afastem do círculo vicioso da destruição, na tecnocracia da guerra. Lá, os irmãos se devoram uns aos outros, com indiferença monstruosa! Os povos não se afirmam pelo trabalho ou pela cultura, mas pelas mais poderosas máquinas de morticínio e de arrazamento. Todos os progressos científicos são patrimônio do egoísmo utilitário ou elementos sinistros da ruína e da morte!... Enquanto as árvores de Deus frondejam no caminho da Vida e do Tempo, cheias de frutos cariciosos, as criaturas terrenas consideram-se famintas de violência e de sangue. A ciência de seres como êsses não poderia entender as vibrações mais elevadas do Espírito! Os vícios de uma falsa cultura casam-se aos vícios das religiões convencionalistas, que estacionam em exterioridades nocivas ou se detêm nos fenômenos, sem cogitar das causas profundas, esquecendo-se o homem do templo divino do seu coração, onde as bênçãos de Deus desejam florir e semear a vida eterna!... Tão singulares desequilíbrios provocaram na personalidade terrestre um sentido bestial que lhe

corrompe os mais preciosos centros de força e, sómente agora, cogitam as instituições divinas da transição necessária, afim de que a vida na Terra se efetive, com o sentido da verdadeira humanidade, ali conhecido tão sómente na exposição teórica de alguns espíritos isolados!... Irmãos, contemplemos a Terra e peçamos ao Senhor do Universo para que as modificações, precisas ao seu aperfeiçoamento, sejam menos dolorosas ao coração de suas coletividades! Oremos pelos nossos companheiros, iludidos nas expressões animais de uma vida inferior, de modo que a luz se faça em seus corações em suas consciências, possibilitando as vibrações reciprocas de simpatia e comunicação, entre os dois mundos!...”.

A multidão ouvia-lhe a palavra, atenta e comovida, e nós lhe escutavamos a exortação profunda, como se fôramos convocados, de longe, pela harmonia mágica da lira de Orfeu (¹), quando o

(1) — ORFEU — O músico mágico da mitologia. Seus acordes encantavam, e atraíam as próprias feras. Tendo sua esposa Eurídice, sido picada e morta por uma serpente, no dia nupcial, ele foi ao Inferno onde obteve, pela sedução da sua lira, que divindades dali lhe ressuscitassem a consorte, com a condição, porém, de não olhar para traz, antes de deixar os limites do Inferno, cláusula que Orfeu infringiu. Essa lenda serviu de enredo à conhecida ópera de Gluck — ORFEU.

nosso mentor espiritual nos acordava do extase, a nos bater levemente nos hombros, chamando-nos ao regresso

Em todos os logares, há os que mandam e vivem os que obedecem. Na categoria dos últimos, voltamos ás esféricas espirituais da Terra, como o homem ignorante que fizesse um vôo, sem escalas, através do mundo, confundido e deslumbrado, embora não lhe seja possível definir o mais leve traço de seu espantoso caminho. — *Humberto de Campos.*

(Recebida pelo medium Francisco Cândido Xavier, em 25 de julho de 1939.)

A Agrippino Grieco

Depois da grande batalha de Tsushima⁽¹⁾, um dos grandes generais japonezes concitava os mortos a se levantarem, de modo a sustentar as energias exauridas dos camaradas agonizantes. E eu compareço aqui, como uma sombra, para dizer ao formoso coração de Agrippino Grieco que me encontro de pé. É verdade que, depois de longa ausência, não nos encontramos nas nossas tertúlias literárias do Rio de Janeiro. Nem nos achamos num local tão famoso como a Acropole⁽²⁾,

(1) — TSUSHIMA é um arquipélago japonês, na entrada meridional do mar do Japão, entre a Coréia e o Japão. Foi nessas águas que, em 1905, o almirante Togo infligiu irremediável derrota à esquadra da Russia, que estava em guerra com os nipónicos. Foi o resultado dessa batalha naval que decidiu do término da luta.

(2) — ACRÓPOLE, cidadela da antiga Atenas, na Grécia, situada sobre um rochedo de 45 metros de altura, aproximadamente. Aí havia templos, monumentos, notadamente o Partenon, a Pinacoteca, etc.